ENTRE VOZES E CORPOS: A POESIA ORAL DO SAMBA DE RODA NO *1º ENCONTRO DE SAMBADORES E SAMBADEIRAS DE SERROLÂNDIA*

Luciano Santos Xavier[1]
Denise Dias de Carvalho Sousa[2]

Resumo: Este trabalho é configurado como um relato de experiência, tendo em vista o projeto *1º Encontro de Sambadores e Sambadeiras de Serrolândia*, realizado em Serrolândia, pequena cidade do interior da Bahia. O projeto teve como objetivo proporcionar ao público participante (sendo esse intergeracional: crianças, jovens, adultos e idosos) espaços formativos e experiências com a cultura popular local, a saber: o samba de roda, através de oficinas de Música de Chula, Dança (samba de roda) e Percussão para a comunidade da sede da cidade e do povoado de Roçadinho. Considerando as vivências nesse projeto, o presente trabalho visa apresentar as experimentações poéticas, cênicas e musicais da poesia oral do samba de roda, visto as interações com os grupos de samba local e regional, bem como as impressões do público em relação ao projeto. Dialogamos com teorias voltadas para os Estudos Culturais, Samba de Roda, Poéticas Orais, Samba Chula e Relações Identitárias, sob as perspectivas de Döring (2016), Mattelart e Neveu (2004), Bauman (2001), Zumthor (2010, 2014) dentre outros. Os resultados corroboram a importância do samba de roda para a cultura local de Serrolândia (assim como da região), tal qual a grandeza das denominadas "culturas populares" nas diferentes esferas da arte, das expressões culturais e dos saberes da tradição popular.

Palavras-chave: Cultura Popular**,** Samba de Roda, Chula, Poéticas Orais, Relações Identitárias.

Introdução

Há uma crescente discussão nas pesquisas acadêmicas, tendo em vista os Estudos Culturais, daí o interesse em investigar sobre essa área, que perpassa, também, por uma necessidade de (re)conhecer os vários aspectos culturais da/na humanidade. Os Estudos Culturais, segundo Mattelart e Neveu (2004, p.13), visam "considerar a cultura em sentido amplo, antropológico, de passar de uma reflexão centrada sobre o vínculo cultura-nação para uma abordagem da cultura dos grupos sociais". De tal modo, esse relato de experiência se baseia nessa perspectiva, objetivando compreender as

[1] Graduando em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – DCH – Campus IV. Integrante do Grupo de Pesquisa Linguagens, Estudos Culturais e Formação do Leitor (LEFOR). E-mail: lu.ciano2011@live.com.
[2] Docente no Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), e na Educação Básica, em Jacobina - BA. Líder do Grupo de Pesquisa Linguagens, Estudos Culturais e Formação do Leitor (LEFOR). E-mail: dsousa@uneb.br.

experiências poéticas, cênicas e musicais da poesia oral do samba de roda, numa cidade do sertão baiano, visto um projeto cultural ocorrido em meados de março a maio de 2018.

O samba de roda é uma importante expressão da cultura popular, que perpassa por todo o estado da Bahia, nas mais distintas formas. Sendo essa "manifestação musical, coreográfica e poética, o samba de roda permeia atividades econômicas, religiosas e lúdicas" (BRASIL, 2004, p. 11), que marca significativamente a vida dos seus praticantes, tanto quanto dos ouvintes/expectadores, que têm a oportunidade de vivenciar essa arte tão emblemática e fascinante. Em 2004, na gestão de Gilberto Gil no Ministério da Cultura, o samba de roda foi reconhecido como Patrimônio Cultural Brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Originário da região do Recôncavo Baiano, o samba de roda foi disseminado em todo o estado da Bahia (assim como em várias regiões do Brasil), sendo manifestado de formas diversas, com expressões que marcam o lugar sociocultural dos seus praticantes. Katharina Döring, em sua pesquisa sobre o samba de roda no Recôncavo Baiano, ressalta a diversidade do Samba de Roda no estado da Bahia:

> Mesmo em lugares mais distantes da caatinga do sertão baiana – onde se encontram inúmeras comunidades negras, porém dominada por uma população heterogênea, de índios, caboclos e mestiços, muitos de ascendência galego-portuguesa – encontram-se formas variadas do samba de roda ou samba rural, com nomes diversos misturas e adaptações das tradições culturais em forma de canto, dança e reza, que vieram da Europa e/ou sempre estiveram nas culturas indígenas (DÖRING, 2016, p. 29-30).

Reconhece-se, então, a diversidade dessa manifestação cultural em toda a Bahia, considerando os diversos territórios de identidade do estado. Assim, é muito difícil definir o samba de roda como um ritmo único, como aborda Döring (2016), pois é mais provável referir-se ao samba de roda como uma multiplicidade de expressões, como um "laboratório musical" – como diz a autora supracitada – e não como um único gênero musical.

Portanto, é reconhecido essa complexidade na não definição do que vem a ser o samba de roda, posto que ele, como fator cultural, está sempre em movimento e assim modifica-se de acordo com os hábitos sociais e culturais dos seus praticantes, bem como da sua região. Desse modo, compreende-se a diversidade de expressões do samba de roda, que origina e/ou associa-se a inúmeras outras manifestações, como muitos dos folguedos, reisados, batuques, chulas, sambas de viola, dentre outros.

Como manifestação poética, coreográfica, cênica e musical (DÖRING, 2016), o samba de roda pode ser compreendido sob a ótica da poesia oral, uma vez que, segundo Carlos Nogueira (*apud* ARAÚJO, 2015, p. 72), "a poesia oral constitui para o grupo cultural um campo de experimentação sobre si mesmo, possibilitando desse modo o domínio e o conhecimento do mundo". Dessa forma, é possível conceber o samba de roda como uma manifestação cultural e poética que propicia o entendimento do sujeito sobre o mundo, bem como o seu lugar nele.

Na cidade de Serrolândia[3], o samba de roda apresenta um simbólico paradoxo: a emblemática representação da cultura local em contraponto com a desvalorização da juventude frente às culturas tradicionais. Tendo em vista esses fatores, o projeto *1º Encontro de Sambadores e Sambadeiras de Serrolândia* surge com a perspectiva de emergir na população mais jovem o sentimento de pertencimento e participação nas atividades culturais local.

1 O Projeto: *1º Encontro de Sambadores e Sambadeiras de Serrolândia*

Idealizado por Zilma Pereira, tendo como proponente Nadja Araújo e financiado pelo Fundo de Cultura da Bahia, o projeto *1º Encontro de Sambadores e Sambadeiras de Serrolândia* proporcionou para a comunidade de Serrolândia/BA, além do grande encontro de sambadores e sambadeiras, momentos muito especiais de formação e de difusão dessa cultura tradicional [o samba de roda].

A proposta do projeto foi justamente fazer com que essa tradição pudesse ser rememorada pelos participantes das oficinas e pelo público. Percebemos que esse objetivo foi comtemplado, na medida que observamos nas falas dos oficinandos o efeito que o projeto causou nas suas vivências com o samba de roda, como podemos depreender no depoimento de uma das participantes, que será explicitado mais adiante.

O projeto foi elaborado visando proporcionar aos participantes oficinas em três modalidades: Música de Chula; Dança (samba de roda) e Percussão; projetadas em aproximadamente dois meses e meio de formação, a serem realizadas tanto na sede quanto num povoado da cidade chamado Roçadinho. Os oficineiros do projeto foram pessoas já ligadas ao samba de roda tanto na prática quanto afetivamente: os

[3] Localizada no interior da Bahia, na região do Piemonte da Diamantina, e situada a aproximadamente, 346km da capital baiana.

sambadores do Grupo Pinote compuseram as rodas de sambas em todos os encontros. O líder do grupo, Mestre Nico, ministrou a oficina de Música (Chula), tendo como assistente Luciano Xavier (artista popular e pesquisador do Grupo Pinote). A oficina de Dança (samba de roda), teve a liderança de Márcia Cirqueira (artista popular) e a de Percussão foi conduzida por Márcio Ferreira (percussionista)

A culminância resultou no *1º Encontro de Sambadores e Sambadeiras de Serrolândia*, sendo um momento em que o público da cidade e da região participou e assistiu às apresentações dos grupos de samba de roda local e regional, uma espécie de festival de sambadores e sambadeiras.

Desde o planejamento com os oficineiros à organização da culminância do projeto, houve uma preocupação de como o público-alvo das oficinas iria receber essas formações e como esse processo formativo aconteceria. Assim, a preocupação com a metodologia justificou-se pelo fato de se estar numa intitulada "modernidade", cuja *liquidez cotidiana* se instaura de maneira a fragmentar as identidades desses sujeitos (BAUMAN, 2001), visto a crescente aproximação dos oficinandos (jovens e adultos) com os elementos da (pós-)modernidade e o distanciamento deles com relação às culturas tradicionais, neste caso, a do samba de roda.

A divulgação de que haveria essas oficinas perpassou por várias plataformas e meios de comunicação, desde as redes sociais a rádios comunitárias, cartazes, vinhetas, entrevista, etc. Os oficineiros também fizeram uma busca ativa nas escolas da cidade, de maneira que todos ficassem sabendo dos acontecimentos no projeto e fossem incentivados a participar. A divulgação também ocorreu nos povoados, principalmente no do Roçadinho, local onde há um índice considerável de identificação da comunidade com o samba de roda, além deste ser o palco para a culminância da proposta.

2 Poesia oral do samba de roda: vivências poéticas, cênicas e musicais no Projeto

As oficinas começaram em meados de março de 2018. No seu decorrer, foi perceptível o quanto os oficinandos (jovens, crianças, adultos e idosos) se identificaram e se engajaram nas atividades. Na oficina de Percussão, por exemplo, os jovens se entregaram à proposta de forma intensa. As práticas percussivas despertaram nesses jovens experiências que entornam a sua familiaridade com o samba de roda, essa que,

até então, atenuada, visto a cultura de massa tecnológica (fator também natural, devido os avanços e novos percursos culturais).

Essa familiaridade, retomada pela memória e pelas vivências, estabeleceu-se, principalmente, pelas intrínsecas relações dos oficinandos com as narrativas de vida presentes no samba de roda, por meio das sensações de pertencimento a essa manifestação cultural. Döring assinala que:

> Quando se entra 'de corpo e alma' nas narrativas e práticas da tradição oral, consegue-se vivenciar e sentir a memória do campo ancestral das culturas populares, mediante sensações e percepções que fazem compreender os 'fios da memória': informações codificadas nos sons, gestos, toques, poesias e movimentos são acessadas, que remontam a algo passado, renovam-se justamente a cada instante por intermédio do corpo e das sensações de cada participante (DÖRING, 2016, p. 244).

Na oficina de Dança (samba de roda), tanto os participantes do projeto quanto os demais sambadores e sambadeiras, demonstraram a graciosidade e o molejo que o samba de roda, especialmente, requer. O trabalho com esses oficinandos foi desenvolvido de modo que eles e elas se sentissem, de fato, parte dessa cultura, parte desse movimento, que engendra a cultura local e as suas experimentações e memórias com o samba de roda.

Essa relação do corpo como emersão do sujeito no samba, pode ser compreendida a partir da noção de *performance*, trazida por Paul Zumthor (2010), uma vez que "os movimentos do corpo são assim integrados a uma poética. Empiricamente constata-se [...] a admirável permanência da associação entre o gesto e o enunciado: um modelo gestual faz parte da 'competência' do intérprete e se projeta na performance" (ZUMTHOR, 2010, p. 217). Isto é, o corpo como "objeto" da manifestação poética designa na performance uma relação de troca entre os sujeitos ouvintes e intérpretes.

A performance a qual nos referimos vai além da manifestação do corpo, pois se manifesta numa relação em que corpo, voz e demais fatores da oralidade são articulados pelo poeta oral, de modo que a mensagem poética é configurada no ato e manifestada complexamente, estimulando no sujeito as fruições estéticas e atribuições de sentido.

Imagem 1: Oficina de Dança (samba de roda)
Fonte: Arquivo de Zilma Pereira (2018).

Imagem 2: Oficina de Dança (samba de roda)
Fonte: Arquivo de Zilma Pereira (2018).

Na oficina de Música de Chula, as experiências com a cultura local e as memórias afetivas dos participantes foram cruciais, tanto no processo de construção – uma vez que eles também compuseram uma chula – quanto nas cantorias de chulas do Grupo Pinote[4], o qual foi primordial na execução do projeto, uma vez que um dos oficineiros foi o Mestre Nico (líder do grupo).

Em torno do Samba de Chula, há um encantamento e sabedoria inexplicáveis. Na fala de um dos participantes dessa oficina isso se torna evidente:

> *[...] a chula apresentada despertou, com certeza, o valor que a chula tem na nossa cultura; e, para mim, foi um prazer imenso participar desse projeto, onde eu aprendi que [...] é muito mais do que aprender sobre a cultura, é deixar-se levar pelo prazer de poder participar de momentos como esse. (Informante R.).*

Nas poéticas orais, é perceptível a discursividade nelas inerentes; pois a manifestação do discurso na poética oral se estende para além do que é posto, mas é importante ressaltar a forma com que é posto. É o que podemos observar no relato da informante acima: a chula é percebida como um meio de entender a própria cultura. Segundo Zumthor (2014, p. 75): "[...] o discurso poético valoriza e explora um fato central, no qual se fundamenta, sem o qual é inconcebível: em uma semântica que abarca o mundo (é eminente o caso da semântica poética), o corpo é ao mesmo tempo o ponto de partida, o ponto de origem e o referente do discurso".

Por se tratar de uma oficina, houve a necessidade de transcrição das letras das chulas para otimizar o tempo disponível de trabalho. Assim, antes de cantar as chulas que fazem parte do repertório do Grupo Pinote, foi feita a leitura e a análise dessas canções, de maneira que os participantes pudessem identificar a temática abordada e conhecer os traços locais em evidência nas narrativas orais ali postas.

[4] Grupo de samba de roda local de Serrolândia/BA.

Os oficinandos puderam observar que figuras marcantes da cidade de Serrolândia eram apresentadas nessas canções, pois as chulas contam alguma história, e essas histórias (postas nas chulas do Grupo Pinote) foram construídas tendo em vista personalidades e símbolos marcantes da cidade, que retomam, de fato, a identidade cultural do povo serrolandense. Para Stuart Hall (2015), a identidade é construída através de um processo sociológico de vivências do sujeito, ela "é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes" (HALL, 2015, p. 24), sendo, nesse caso, por meio da rememoração das vivências e experiências dos participantes.

Nessa perspectiva, a noção de *comunidade poética*, trazida por Nerivaldo Alves Araújo (2015), é bastante pertinente em nosso estudo, posto que, para esse autor, a concepção de comunidade poética se desvela como:

> [...] um espaço de conhecimento mútuo de uma cultura e de sua poética oral, no qual um povo estabelece uma relação de pertencimento por comungar das mesmas práticas desenvolvidas, tendo o hábito de compartilhá-las, recriá-las e performatizá-las entre o seu público, numa unidade interdependente, indissociável e dinâmica. (ARAÚJO, 2014, p. 24).

Podemos, portanto, depreender que as chulas utilizadas configuram esse espaço, cujo público se manifesta e também é afetado pelas poéticas orais ali emergentes.

Imagem 3: Oficina de Música de Chula
Fonte: Arquivo de Zilma Pereira (2018).

Imagem 4: Oficina de Música de Chula
Fonte: Arquivo de Zilma Pereira (2018).

.

A oficina de Percussão, voltada para as expressões do Samba de Roda, também disseminou nos participantes, principalmente nos mais jovens, uma perspectiva diferente sobre as manifestações populares, uma vez que, até então, eles ainda não tinham visualizado: a do samba de roda como princípio dos muitos ritmos que circulam nas suas vivências atuais. Muitos dos participantes possuíam uma afinidade com o

pagode baiano e, no decorrer da oficina, relataram e demonstraram os traços rítmicos que esse gênero musical (pagode) carrega do samba de roda, seja por meio do batuque ou da cadência dos instrumentos.

Esse foi um fator preponderante na interação desses participantes mais jovens na oficina de Percussão: a assimilação das modalidades musicais, ou seja, a que já tinham vivenciado (o pagode baiano) e a que estavam vivenciando (o samba de roda).

Imagem 5: Oficina de Música de Percussão
Fonte: Arquivo de Zilma Pereira (2018).

Imagem 6: Oficina de Música de Percussão
Fonte: Arquivo de Zilma Pereira (2018).

Na culminância do *1º Encontro de Sambadores e Sambadeiras de Serrolândia*, instaurou-se um ambiente de nostalgia e euforia nos oficinandos, em especial por aqueles do povoado do Roçadinho, local responsável pela culminância do evento. Desde o processo de montagem de palco, ornamentação, etc., os moradores dessa comunidade se integraram de tal forma que foi perceptível a sua receptividade com o evento e afinidade/familiaridade com o samba de roda.

A noite que culminou todo o trabalho realizado no projeto revelou o encantamento pelo samba de roda, mesmo com as fragmentações identitárias da "pós-modernidade". Tomemos aqui como fragmentações identitárias as diversas facetas que a identidade do sujeito assume nessa modernidade, visto a globalização e os avanços tecnológicos. Essas fragmentações das identidades ora debatidas são direcionadas principalmente ao público mais jovem, posto que esse foi o alvo principal do projeto e a sua imersão num certo distanciamento frente às tradições populares, considerando a época em que vive essa juventude. No entanto, a sua participação foi muito produtiva - reveladora de sentidos e significados para a memória local.

O Grupo Pinote e o Grupo União (assim como outros grupos local e regional) se apresentaram e estimularam no público memórias que desvelaram a sensação de

pertencimento com relação ao que viam e ouviam; celebrando, assim, a beleza, as poéticas e a riqueza de saberes da cultura popular.

Imagem 7: Culminância do Projeto no Povoado do Roçadinho
Fonte: Arquivo pessoal de Zilma Pereira (2018).

Imagem 8: Culminância do Projeto no Povoado do Roçadinho
Fonte: Arquivo pessoal de Zilma Pereira (2018).

Imagem 9: Culminância do Projeto no Povoado do Roçadinho
Fonte: Arquivo pessoal de Zilma Pereira (2018).

Imagem 10: Culminância do Projeto no Povoado do Roçadinho
Fonte: Arquivo pessoal de Zilma Pereira (2018).

Considerações Finais

O projeto *1º Encontro de Sambadores e Sambadeiras de Serrolândia* propiciou, de fato, para o público participante uma oportunidade de conhecimento dessa arte cênica, poética e musical, que é o samba de roda, tendo em vista a valorização de sua cultura e identidade cultural, uma vez que o contexto permeou os aspectos das culturas local e regional. Além disso, foi um espaço de interação entre os participantes, fortalecimento de vínculos com a própria comunidade e troca de experiências poéticas.

Os espaços formativos sobre a poesia oral do samba de roda – as oficinas de Música de Chula, Dança (samba de roda) e Percussão –, no contexto local, foram bastante pertinentes e instigantes, principalmente para os mais jovens, uma vez que

propiciou experiências com a arte popular tradicional, mesmo diante dos desafios em integrar a juventude pós-moderna, inerentemente, tecnológica e globalizada.

Compreende-se, assim, a importância do samba de roda na vida das comunidades da sede da cidade (Serrolândia) e do povoado de Roçadinho, bem como os saberes intrínsecos a essa arte performática-musical, que tanto encanta os olhares dos seus praticantes e ouvintes/expectadores, e que, portanto, não deve ser esquecida. É observado, desse modo, o quanto esse projeto contribuiu para a disseminação da cultura popular tradicional, enfaticamente do samba de roda na cidade e região de Serrolândia/BA.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zagar Editora, 2001.

BRASIL. **Samba de Roda no Recôncavo Baiano**. Brasília: IPHAN, 2004, p. 1-218. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImDos_SambaRodaReconcavoBaiano_m.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2018.

DÖRING, Katharina. **Cantador de chula**: o samba antigo do recôncavo baiano. Salvador: Pinaúna, 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu Silva & Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos estudos culturais**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004.

ARAÚJO, Nerivaldo Alves. **Na cadência das águas do Velho Chico**: poética oral do samba de roda ribeirinho. 220 f. Il. 2015. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2015.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Trad. Jerusa Pires Ferreira *et al*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2014.